

## EDIFÍCIO PARA A LOTA DE QUARTEIRA

Segundo notícia publicada pelo nosso prezado colega «Folha do Domingo», terão início dentro de poucos dias os trabalhos de construção do edifício da Lota de Quarteira, obra que porá fim ao estendal de peixe na praia o que para alguns será pitoresco mas, para todos, anti-higiénico.

(Avença)



A  
Biblioteca Publica

LISBOA

ANO XIV N.º 348

JUNHO — 5  
1 9 6 6

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIAO  
Tel. 22319 — Rua do Município, 12 — FARO

DIRECTOR

EDITOR E PROPRIETARIO

Redacção e Administração  
GRAFICA LOULETANA  
Tel. 216 — R. da Carreira — LOULÉ

## Ainda a implantação do edifício para a Escola Técnica de Loulé

Que há absoluta, imperiosa, urgentíssima necessidade de construir um novo edifício para a Escola Técnica de Loulé, visto que aquele em que funciona hoje, não tem a mínima condição pedagógica, nem de comodidade nem de segurança, até, para pessoal discente e docente, convenhamos.

Mas que só se veja para a sua construção o Parque da Vila, adquirido com o fim especial e altamente social de dar à população da Vila, um parque de recreio, um recinto onde os campos de jogos, piscinas e outras instalações que representam igualmente fonte de vida, pudessem proporcionar um desafio, um bem estar às populações que não têm outros recursos, não concordamos.

E, neste nosso discordar não vai uma questão azeda de discutir, de fazer obstrucionismo, de

levantar barreiras, de criar dificuldades seja a quem for. Dentro de um princípio permitido a qualquer homem livre, não abdicamos do nosso direito de crítica, do nosso desejo de esclarecimento, da nossa vontade de que se faça para Loulé, o que melhor for para Loulé.

Não somos daqueles a quem apenas o raciocínio curto impõe dogmatismos para as suas opiniões, não fazemos destas questões públicas e de interesse colectivo, o alvo do interesse particular ou pessoal, ou mesmo material, mas pondo como sempre — e disso julgamos ter dado sobejas provas, em bastantes realizações nas quais colaborámos e que nunca puzemos nem na balança nem no metro da comparação — o melhor da nossa boa vontade e amor ao progresso e desenvolvimento de Loulé.

Julgamos ter o direito de proclamar bem alto e de cabeça erguida as nossas opiniões, sem ter

(Continuação na 2.ª página)

## Aniversário da T. A. P.

No Hotel Eva, em Faro, realizou-se um banquete comemorativo do 1.º aniversário dos Transportes Aéreos Portugueses. Assistiram o Governador Civil, Presidentes da Junta Distrital, Câmara Municipal e Comissão de Turismo e outras entidades, bem como a totalidade dos funcionários da T. A. P. em Faro. Durante o repasto falaram o sr. Celestino Domingues, dinâmico e conceituado delegado da T. A. P. no Algarve, que agradeceu a presença dos convidados e o sr. Dr. Romão Duarte, ilustre Chefe do Distrito que formulou as maiores prosperidades para a empresa.

## RUAS DA VILA em reparação

Além das várias obras em curso no concelho, entre as quais avultam as estradas para Vale Judeu e Picota, a Câmara de Loulé mandou proceder à reparação das Ruas Marechal Gomes da Costa e 28 de Maio, ambas perpendiculares à Avenida José da Costa Mialha e que representam por isso um valioso contributo para a valorização daquela zona.

Vemos assim, com satisfação, que as obras vão surgindo aqui e além a atestar o desejo de contribuir para o progresso de todo um vasto concelho.

Esperemos que não esteja longe o dia em que nos possamos felicitar pela realização de tentativas eficazes para resolver o magno problema da limpeza da Vila.

## Panorâmicas... de Loulé

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calmosa, que estamos atravessando, duas dúvidas nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoísta do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marques de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

largo, ao longo de todos os cafés, do lado da Avenida, etc.

Será que, como se trata de uma terra ligada mais a actividades turísticas, dado que é porta de entrada e saída de visitantes, que está a curta distância de Monte-Gordo, a Câmara procura facilitar comodidades de que todos aproveitem?

O que é certo é que isto das esplanadas tem de ser olhado não apenas pelo lado fiscal de arranjar mais uns tostões, mas para dar aspecto e vida às ruas e mais comodidades aos munícipes.

Mesmo porque a medida que as esplanadas se desenvolverem há mais convívio e até, talvez isso contribua para evitar que junto aos passeios públicos haja tanto

(Continuação na 3.ª página)

## LOCALIZAÇÃO da Escola Técnica de LOULÉ

Tivemos conhecimento do recente despacho de Sua Ex.ª o Ministro das Obras Públicas sobre a localização da Escola Técnica de Loulé.

Transcrevemo-lo porque, salvo no que se refere à oportunidade que se perde de se encaminhar para a freguesia de S. Sebastião um surto urbanístico de certo interesse (que talvez os mais directamente interessados não tenham sabido facilitar) ficam acautelados alguns inconvenientes e o seu conhecimento poderá esclarecer os sequazes das opiniões que o problema tem suscitado.

QUASE QUE AINDA NÃO ACREDITAMOS

## A ESCOLA TÉCNICA VAI FICAR NO PARQUE

A propósito do que escrevemos na «Voz de Loulé», teve S. Ex.ª o sr. Ministro das Obras Públicas a penhorante gentileza de se nos dirigir directamente para esclarecer que fora aceite, sob certas condições, a sugestão da Câmara de Loulé para que o edifício da Escola Técnica seja construído no Parque Municipal.

Apesar de assobrado com uma extenuante actividade, quiz o sr. Ministro ter a amabilidade de nos informar que, da sua recente visita a Loulé, resultara a escolha do local onde deverá ser construído um edifício que tanto interessa à elevação do nível cultural e artístico da nossa juventude.

E essa informação achamo-la preciosa na medida em que S. Ex.ª mais uma vez se nos revela como um homem público à altura das funções que desempenha, pois pensamos que problemas que a todos interessam devem ser esclarecidos publicamente para que todos saibam como são resolvidos. Não vemos que o sigilo feito à volta de certos problemas seja a melhor forma de os resolver.

Quantas vezes as críticas mais acerbas e, aparentemente lógicas, caem estrondosamente através de um pequeno esclarecimento que passe despercebido aos olhos dos leigos?

Não será este o caso, mas seria ridículo pretender que a Câmara, para agir, tivesse que pedir vênias aos ridicularizados «monopolistas do bairro local».

Cremos, porém, que qualquer município pode ter o direito de exprimir uma opinião quando esteja em causa aquilo que pense ser de interesse local. E isto até porque pensamos que uma das principais missões da imprensa regional é precisamente agitar problemas que tenham de ser resolvidos não ao sabor de prefe-

(Continuação na 2.ª página)

## Bodas de Prata Sacerdotais do Rev. Prior Cabanita

UMA IDEIA — UM APELO

Ocorre, no dia 1 de Novembro do ano corrente, a celebração das Bodas de Prata Sacerdotais do Rev.º Prior José Coelho Cabanita. Pessoa de todos conhecida, de todos estimada, de todos admirada pela sua inteligência, simplicidade e fidelidade à Igreja, dedicado generosamente vinte e seis anos do seu Sacerdócio à nossa paróquia de São Clemente de Loulé.

A consciência cristã impõe-se um grave dever de reconhecimento e gratidão. Um reconhe-

mento e uma gratidão, não à maneira de sentimentos abstractos, mas concretizados numa obra que os manifeste. Seria esta a grande oportunidade de nos empenharmos todos na construção duma condigna residência paroquial. Contamos apenas com o terreno — lugar, onde deverá ser demolida a antiga residência, no Largo da Matriz, pois a verba existente quase não comporta este trabalho de demolição. De dia para dia os materiais encarecem, a mão de obra aumenta, crescem as dificuldades. Urge, pois, lançar mãos à obra. Mas a residência paroquial deverá ser obra de todos os paroquianos. Todos, pobres e ricos, sem excepções deverão ter lá a sua pedra mais ou menos valiosa, consoante suas possibilidades

(Continuação na 3.ª página)

REALIZA-SE NO DIA 11

## o 2.º Concerto da Pró-Arte

Por motivos imprevistos, foi adiado para o próximo dia 11 do corrente o concerto que a Delegação de Loulé da Pró-Arte inicialmente fixara para o dia 28 de Maio e que será o 2.º da época de 1966.

Como já dissemos, este sarau musical realizar-se-á na residência da sr.ª D. Catarina Pinto Farrajota, cujo entusiasmo pela Pró-Arte contribuiu grandemente para que fosse possível reiniciar sua actividade na nossa Vila e com isto só temos que nos felicitar-mos dado que o nível

(Continuação na 3.ª página)

## ARTE E GRAÇA do Povo Português

Organizada pela Escritora Fernanda de Castro, realizou-se no dia 24 de Maio, pelas 17 horas, no Restaurante «Al-Faghar», de Faro, uma Exposição de Artesanato e de Arte Popular, que teve a designação de «Arte e graça do Povo Português».

Esta Exposição reuniu elementos deveras significativos no que diz respeito à escolha de trabalhos que exemplificam o que se pretende alcançar: uma perfeita autenticidade quanto às origens da Arte do nosso Povo.

(Continuação na 6.ª página)

## UM VELHO PROBLEMA QUE RENASCE: O desvio do Caminho de Ferro para LOULÉ

Esteve reunido em Lisboa o Congresso da União Internacional dos Caminhos de Ferro e um dos problemas afluídos e que atraiu desde logo as preocupações das representações espanhola e portuguesa foi a neces-

sidade de reestruturação das redes dos dois países, com base na adopção da bitola internacional, ou seja a medida entre carris.

Esta bitola que, na península ibérica é de 1,674 m. teria de ser alterada para 1,435 m. ou seja a medida adoptada nas restantes redes da Europa, sob pena de ficarmos isolados destes Países,

ideia que seria de terríveis e condenáveis efeitos para o progresso e desenvolvimento da nossa exploração ferroviária e até para o ambicionado fomento turístico.

Para uma valorização económica da rede ferroviária portu-

(Continuação na 5.ª página)

## Nova unidade HOTELEIRA NO ALGARVE

Na zona das Arelas Douradas, junto à Praia do Castelo, no Concelho de Albufeira, vai ser edificada uma nova unidade hoteleira que disporá de 90 quartos. O projecto é da autoria dos arquitectos srs. Norberto Correia e Pinto Coelho, e denominar-se-á «Delfim Dourado», dispondo também de salas de estar, de jogo, bar, esplanada, restaurante, piscina, etc.

## FOI LANÇADA NO MERCADO A CERVEJA SKOL

A Skol International, Ld.ª lançou há dias no mercado nacional a cerveja Skol, por intermédio da Sociedade Central de Cervejas, que a fabrica inteiramente com matérias primas portuguesas. Para assinalar o facto, a Sociedade Distribuidora de Cervejas do Sul, com sede em Faro, reuniu na passada 4.ª-feira, no

Restaurante «Al-Faghar» daquela cidade os representantes dos órgãos informativos do Algarve. Presidiu o sr. Dr. Carlos Nogueira, sócio-gerente daquela empresa, que no final do repasto usou da palavra. Agradeceu a presença dos convidados, tendo

(Continuação na 6.ª página)

## FESTAS POPULARES

na Alameda João de Deus

## EM FARO

A semelhança dos anos anteriores, vai a Casa dos Rapazes de Faro realizar no lindo recinto da Alameda João de Deus, desta cidade, as suas festas populares que, a avaliar pelo sucesso das antecedentes, se deverão revestir do assinalado sucesso.

As do corrente ano efectuar-se-ão nos dias 18, 19, 26 e 29 de Junho e 2 e 3 de Julho, com recintos de dança, variedades, fogos de artifício, bar e outros atractivos.

O produto líquido das receitas, reverterá para o fundo destinado à construção do novo edifício-asilo da simpática instituição, à qual tanto deve todo o Algarve, pela sua obra a favor dos garotos em perigo moral.

## A Música Nova

## COMEMOROU

## o seu 90.º aniversário

A prestigiosa e prestante Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva (mais conhecida por Música Nova) festejou há dias o seu 90.º aniversário. Festa simples, despretenciosa, como despretenciosa (mas útil) tem sido a sua já longa existência ao serviço da música e de Loulé. Isto tem significado muito trabalho, persistência, quase teimosia e é ainda alguma caridade que consegue manter vivo o «fogo sagrado» de um bairro que teima em persistir na nossa terra — para a servir.

Apesar das dificuldades financeiras com que luta, a «Música Nova» vai vivendo e dando um «ar da sua graça» onde quer que se desloca para animar, com a sua presença, as festas e as procissões em que as bandas continuam a ser insubstituíveis.

E é realmente uma pena que o desinteresse da juventude pela aprendizagem da música nos leve a pensar que as bandas poderão extinguir-se por falta de executantes.

E esta falta está de tal forma a generalizar-se que, segundo temos no «Diário Popular», a Filarmónica de Alavenga (VI-

(Continuação na 5.ª página)



# A ESCOLA TÉCNICA VAI FICAR NO PARQUE

(Continuação da 1.ª página)

rências ou simpatias pessoais mas sim que visem o interesse geral.

Infelizmente vivemos uma época em que a maioria das pessoas se preocupa só e quase exclusivamente com os seus próprios interesses e os dos amigos e por isso essa maioria não compreende, não pode compreender, como haja alguém que assim não pense e despreze conveniências e amizades pessoais para só ver o interesse da terra onde nasceu. Por isso é triste e publicamente ridicularizado. Só por isso. Já nem se acredita no bairro das pessoas que realmente sentem acriolado amor ao torrão natal. Em tudo se pretende adivinhar segundas intenções.

É-nos penoso exteriorizar publicamente a nossa discordância na medida em que as pessoas pensem (muito erradamente) que antipatizamos com elas simplesmente porque discordamos das suas ideias. É uma penosa concepção dos nossos tempos e por isso uma dolorosa verdade.

Parece-nos absolutamente lógico que se combatam as ideias alheias quando elas são de interesse geral, mas com bases sólidas, convincentes e sérias. Não ridicularizando-as porque, fazendo-o, se revela a tacañez de um espírito que não sabe discutir sem melindrar.

Podemos dizer franca e abertamente que não temos qualquer preferência especial pela localização da Escola Técnica, e se desassombradamente vimos hoje repetir que discordamos que o Parque Municipal tivesse sido o local preferido é única e simplesmente por ficarmos com a certeza que mais uma vez foi preterida uma solução que cada vez mais se impõe como inadiável: abrir novos horizontes à expansão urbanística de Loulé.

O sr. Ministro das Obras Públicas tomou decisões de harmonia com as informações que lhe foram prestadas e a Câmara, que compete zelar e defender os interesses locais, teria sido clara nos seus propósitos, mas isso não impedirá por certo que tenhamos pena de não ter sido feito um esforço maior para ser aproveitada uma magnífica oportunidade de se proporcionar a Loulé os meios de expansão de que urgentemente carece.

Antevíamos uma Escola Técnica numa nova zona periférica da Vila por onde esta começasse já a estender-se, mas prefere-se uma solução de emergência por se considerar urgente a construção daquele edifício. Só lamentamos que se tivesse preferido a solução mais cómoda antes de se terem feito todos os esforços possíveis para encontrar outra alternativa.

Sem discordâncias de ninguém, é possível que a Escola já estivesse construída no Parque, mas não nos esqueçamos que, por ser mais rápido, e mais económico, a linha férrea ficou a 5 Km. de Loulé e há mais de 80 anos que os louletanos sofrem as desastrosas consequências desse imperdoável e desastroso erro. Também nessa época não se soube ver para o futuro.

Apenas por 5 Km. se privou de linha férrea uma terra de promotor futuro.

A pressa de construir já pode fazer esquecer o futuro. Oxalá os vindouros não pensem de nós o mesmo que os louletanos desde há mais de 80 anos pensam dos autores do traçado da linha férrea.

Parece que só se reparou que estava mal depois de não haver remédio e esse erro perdurará para sempre na memória dos nossos conterrâneos.

Esta é a verdade. Mas não a nossa verdade. Ela está patente a quem a saiba ver. Por isso é-nos doloroso pensar que amanhã possa pensar-se que foi também um grande erro não se ter

aproveitado uma tão bela oportunidade para dar a Loulé aquele impulso progressivo de que a nossa Vila há mais de 20 anos vem carecendo por estar presa a um plano de urbanização que lhe tolhe os movimentos.

É só isso que nos preocupa. É só por amarmos a nossa terra que a nossa pena não pode emudecer perante a decisão agora tomada. Não há acinte contra quem quer que seja. Podemos dizer de cabeça erguida que apenas pensamos no progresso local. O resto não conta.

É que nós sabemos que a Câmara não autoriza a construção onde não haja ruas e não faz novas ruas porque não tem dinheiro para as abrir. Quer dizer: não faz nem deixa fazer. Mantém-se assim um círculo vicioso para o qual não se antevê saída possível.

Achamos bem o critério de que primeiro as ruas e depois os prédios. Mas achamos mal que não se faça nem uma coisa nem outra. Por isso, mal por mal, talvez fosse preferível optar pelo menor mal: deixar fazer os prédios (que proporcionam à Câmara rendimento vitalício em luz, água e esgotos sem nenhuma despesa) e arranjar depois as ruas.

Com tal política talvez a Escola pudesse ficar em qualquer parte. O que é pena é que esses problemas se vão protelando lustro após lustro e que um tão belo edifício nem sequer dê mais beleza à nossa vila por ficar escondido dentro do Parque.

Pelas poucas diligências efectuadas para encontrar outra solução percebeu-se que havia o firme propósito de escolher o Parque. Era a mais cómoda.

Pois não esteve em Loulé uma Comissão encarregada de estudar a localização da Escola Técnica? Que mal haveria em tornar publicas as conclusões a que chegou?

A pergunta tem ficado no ar. Mesmo que a Câmara não tenha dinheiro para resolver os problemas de urbanização da Vila, não vemos que mal possa haver em agitar a opinião pública até porque sabendo-se da sua existência pode aparecer um ou mais espíritos empreendedores capazes de, por si só, abrir caminho para novos empreendimentos... desde que lhes sejam dadas todas as possíveis facilidades.

São conhecidas as grandes dificuldades surgidas para a fixação de unidades industriais que dariam a Loulé possibilidades de grande e próspero futuro. (Estamos-nos lembrando, por exemplo, duma importante fábrica manipuladora de cortiça que está a construir-se noutra localidade apesar de Loulé ter sido preferida) e de outras construções que têm sido constantemente proteladas.

Loulé carece urgentemente de uma estação rodoviária e não a tem porque não tem sido possível arranjar terreno onde construí-la e nem se concedem facilidades para tornar possível essa obra.

Mas a E. V. A. está construindo em Beja porque ali encontrou todas as facilidades desejadas e ainda terreno a 50\$00 m2. em ótimo local.

Muitos outros edifícios se construiriam se tantas dificuldades criadas não contribuissem para uma crescente e quase proibitiva aquisição de terrenos a preços seguramente fixados por proprietários para quem o progresso da terra não conta para nada... porque só se preocupam com os seus próprios interesses.

Plagante exemplo de immobilismo está patente na ampla Avenida General Carmona, onde ninguém pode construir nem vender e nem a Câmara compra porque não tem dinheiro. Toda aquela vastidão de terreno está destinada a sumptuosos edifícios públicos, o que nos parece obra grandiosa demais para uma vila que nem sequer tem aspirações a capital de Distrito.

Mas está assim escrito e ninguém val dizer que os técnicos viram longe demais.

Assim, positivamente, não pode haver progresso que se veja. Esta é a dolorosa verdade.

Ainda que com ténues esperanças, atrevemo-nos a solicitar de novo a esclarecida atenção do sr. Ministro das Obras Públicas para as vantagens que adviriam para Loulé de o edifício da Escola Técnica ficar fora do Parque Municipal.

Não é um pedido pessoal, mas o anseio de uma população que deseja o progresso da sua terra.

Do que realmente temos pena é que não apareça uma alma compreensiva e generosa que ofereça o terreno para a Escola, salvando-se assim o Parque e contribuindo para o progresso de Loulé.

Infelizmente parece que vivemos numa terra onde os corações magnânimos não abundam.

Ignotus

## M·A·N MODELOS 1966 NOVOS TRAVÕES

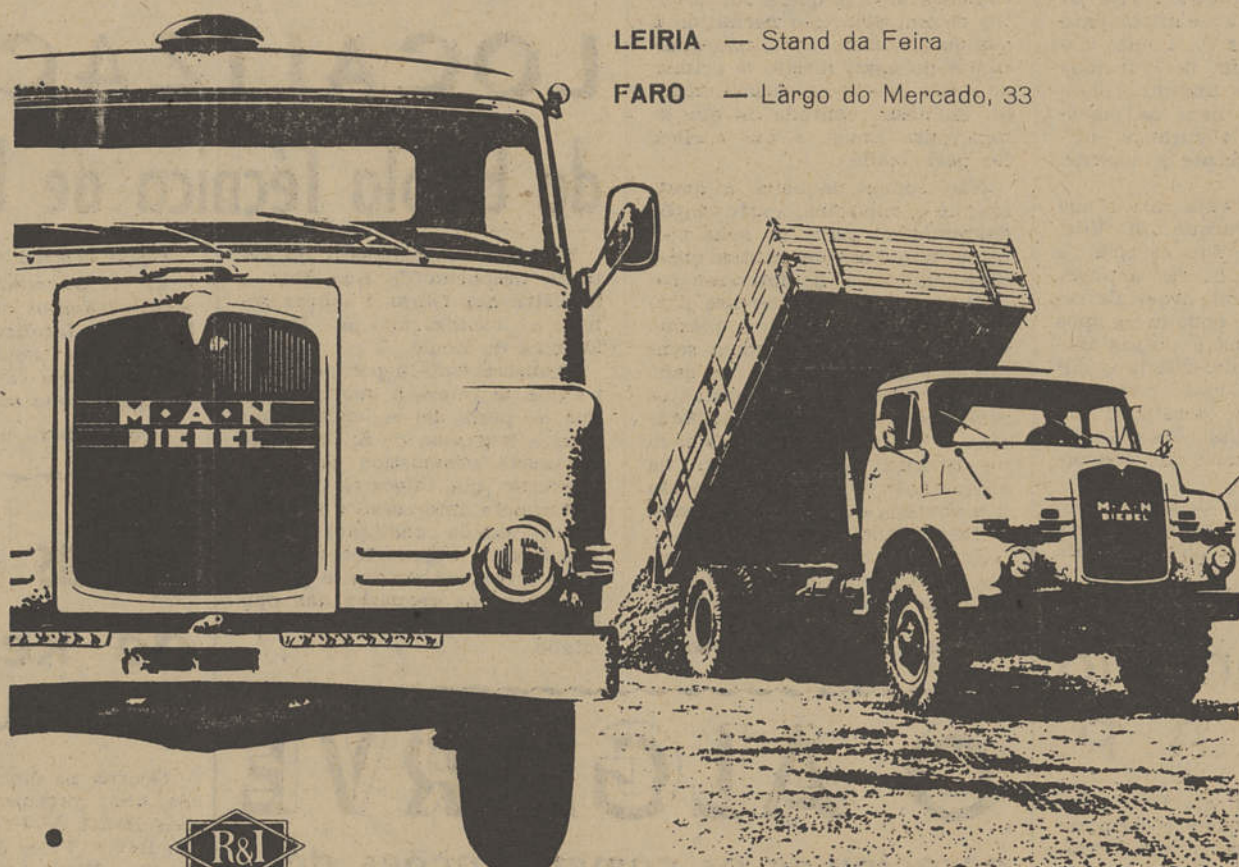
em exposição

LISBOA — Av. António Augusto de Aguiar, 3  
Av. Infante D. Henrique — Cabo Ruivo

PORTO — Rua Santo Ildefonso, 535

LEIRIA — Stand da Feira

FARO — Largo do Mercado, 33



REPRESENTADO, FABRICADO, DISTRIBUIDO E ASSISTIDO EM PORTUGAL POR:  
S. C. I. A. FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO S. A. R. L.  
LISBOA — PORTO — LEIRIA — FARO — VENDAS NOVAS

## LOCALIZAÇÃO da Escola Técnica de LOULÉ

(Continuação da 1.ª página)

de preferir a solução de aproveitamento de uma parte da área do futuro Parque Municipal, observadas as condições que vão em seguida enunciadas.

2 — Deverá ser encontrada pela Câmara Municipal uma solução viável para a nova localização dos campos de jogos. O aproveitamento para este fim da parcela do terreno do parque a N da estrada periférica, complementada com a área a adquirir que for necessária, exigirá, se for julgado conveniente, a construção de passagem inferior para veículos e peões por forma a ficar impedido o atravessamento de nível daquela estrada para acesso aos campos desportivos.

3 — Deverá ficar assegurada a futura possibilidade de ampliação para poente do recinto do parque à custa da aquisição dos terrenos particulares vizinhos, com o correspondente desvio da via municipal existente.

4 — A Câmara Municipal deverá assumir o compromisso de até à data da conclusão da Escola Técnica — digamos até final de 1968 — ter concluído o parque municipal segundo projecto

a submeter à aprovação do M. O. P. no prazo de 3 meses, para o que contará com a assistência técnica e financeira deste Ministério, através da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização.

5 — A mesma Comissão que tão bem se desempenhou da sua incumbência através de presente Relatório, deverá elaborar rapidamente o plano urbanístico do aproveitamento da área interessada neste despacho, de harmonia com o que fica nele definido e com as determinações do plano de urbanização da Vila não modificadas. Este plano urbanístico, uma vez aprovado, servirá de base ao projecto da Escola Técnica e ao projecto do Parque Municipal.

7/5/1966

a) Arantes e Oliveira

## TURALGARVE

Agência de Turismo  
Algarve — Praça da  
República, 98 - 100 —  
Telef. 193 — LOULÉ

VENDE passagens  
aéreas, terrestres e marítimas. (Entrega imediata).

## Propriedade

Vende-se uma propriedade na freguesia de Boliqueime, denominada Vale Silveira.

Tratar pelo telefone 22 de Almancil.

## Ainda a implantação do edifício para a Escola Técnica de LOULÉ

(Continuação da 1.ª página)

que pedir licença ou prestar vênia, seja a quem for.

Não concordamos com a instalação da Escola Técnica no Parque, porque achamos triste ir estragar um recinto cujo projecto representava para a Vila, uma dívida de valor acima do mediano em terras de província.

Ter um campo de jogos para futebol, um ginásio, uma pista para ciclismo, vários campos para todas as modalidades desportivas, incluindo uma piscina e uma mata frondosa onde a população de Loulé, pudesse ir passear e gozar uns momentos de distração e descontração, pudesse enfim ter um pulmão para respirar, parece-nos ser superior a tudo.

Instalar a Escola no Parque representa uma afronta à memória do grande louletano que foi José da Costa Guerreiro a quem se devem as melhores realizações e empreendimentos que colocaram Loulé, na vanguarda de muitas terras algarvias onde os grandes problemas de urbanização estão resolvidos.

Ele visionou essa ideia do Parque e mandou traduzi-la num projecto grandioso que um grande arquitecto concebeu e cuja realização já hoje seria um facto se, todas as municipalidades que lhe sucederam tivessem querido dispensar a este assunto um pouco da sua atenção e boa vontade.

Queremos ainda duvidar da utilização do recinto destinado ao Parque, para instalação da Escola Técnica e não obstante as opiniões favoráveis dos técnicos que vêm ali só a parte material dos terrenos baratos sem complicações, sem se aperceberem do valor estimativo e específico que tem para Loulé o seu Parque, continuamos confiantes que ainda demorará essa utilização.

Até lá ter-se-á tempo de pensar muita coisa, inclusive que é um recinto mal aconselhado para ser frequentado em aulas diurnas e nocturnas por

crianças de pouca idade e, consequentemente, de pouco juízo ainda.

Ter-se-á tempo de saber que qualquer projectada ligação de Loulé à falada auto-estrada Loulé-Salir-Almodovar, ficará prejudicada com a instalação da escola técnica no Parque. Até lá ter-se-á tempo de verificar que Loulé, custe o que custar e haja o que houver, perderá a melhor parcela do seu terreno disponível para outras realizações como estádio, a piscina, o balneário público. Perderá, enfim, o que poderia ser o melhor Parque ao sul do Tejo, ponto de atracção de turistas e elemento de valorização no património da terra.

R. P.

## VENDEM-SE

Prédios urbanos, descritos nos artigos 60 e 61 da respectiva matriz de S. Clemente, sitos na Rua Eng.º Duarte Pacheco, pertencentes a herdeiros de Maria Emília da Piedade Texugo. Dirigir propostas a Cristóvão Texugo de Sousa — Tavira.

## Contínuo

Precisa, Ateneu Comercial e Industrial — Loulé.

## Propriedade

Vende-se uma quarela de terra no sítio de Momprolé, com figueiras, alfarrobeiras, amendoeiras, etc. Está murada e tem caminho, a Norte, Este e Sul, partilhando com o Monte da Rocha. Nesta redacção se informa.

## JOGOS FLORAIS dos Estudantes da Cidade DE FARO

A Comissão Organizadora da festa dos Finalistas da Escola Industrial e Comercial de Faro promoveu os Jogos Florais dos Estudantes da Cidade de Faro, cujos prémios foram atribuídos a:

Poesia lírica — 2.º prémio — «A mais solitária praia», de Ilídia Honorato

Menção Honrosa — «Imagem», de Ilídia Honorato;

Quadrado — 2.º prémio — «O cignano», de Heldemar Sousa Correia;

3.º prémio — «O Mar», de Manuel Domingues Gomes.

Conto — Menção Honrosa — «Tempestade», de Joaquim Eduardo Gonçalves Santos.



# Panorâmicas... de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

depósito de motorizadas sem pagarem qualquer taxa de ocupação...

Eis uma coisa que deveria preocupar mais a Municipalidade e até, possivelmente, levá-la a uma redução de taxas, no caso de as actuais serem consideradas proibitivas.

Toda a gente pergunta quando chegará a vez de Loulé, ter uma conveniente estação rodoviária, evitando-se as péssimas condições de espera que hoje se oferecem aos passageiros e utentes das suas carreiras.

Tivemos essa esperança durante algum tempo, o que, aliás, não seria de estranhar se tivéssemos em consideração que a maioria dos sócios da maior empresa rodoviária do sul, são naturais de Loulé e que, é talvez, nesta localidade, que se centraliza o maior número das carreiras que explora.

Veio depois a construção da magnífica unidade hoteleira a que essa empresa meteu ombros, em feliz altura. Havia uma justificação: estavam construindo algo de grande na capital algarvia e nós não podíamos deixar de nos sacrificar um pouco mais, na nossa qualidade de lou-

letanos para que a capital da nossa provincia se engrandecesse, porquanto temos o dever de não querer tudo para Loulé.

Mas, uma vez suprida essa lacuna que se fazia sentir na capital da provincia e suprida com certa magnificência até, não estaremos na boa oportunidade, perguntando se não será ainda a hora de Loulé?

A estação de Caminho de Ferro de Loulé, continua sem instalação eléctrica, isto é sem iluminação conveniente.

Como não sabemos a que ou a quem atribuir as culpas desta deficiência, queríamos pedir que se conjugassem todas as boas vontades no sentido de a estação ficar a ser a melhor iluminada do Algarve, dando assim razão ao velho aforismo que «os últimos serão os primeiros».

Diz-se que nas empresas industriais que renovam ou aumentam o seu equipamento se introduzem as últimas inovações e as estruturas mais aperfeiçoadas e avançadas da técnica.

Bom seria que Loulé, viesse a ter uma estação tão bem iluminada que bem se destacasse e distinguísse das suas congêneres.

Há dias, ao encontrar em Vila Real, um modesto operário de limpeza, natural de Loulé e muito aqui conhecido, a exercer a sua actividade, pensei que não seria tão aguda a crise de trabalho por falta de mão de obra, como constantemente se ouve referir.

E não pude deixar de chegar à conclusão de que na nossa terra há muitos vaidosos que não têm coragem de exercer certos mistérios mais humildes.

Vão então procurar outros meios onde são menos conhecidos e aí se sujeitam ao que consideram vergonha fazer na própria terra. Isto significa o elevado índice de emigração que Loulé possui, em escala bastante anormal.

Lembrei-me logo de certo funcionário que em Loulé, andava sempre de luvas e polainas e que foi lavar carros para a Argentina...

Validade humana!...

R. P.

## TERRENO para construção

Vende-se, na Campina de Cima e horta com 4 a 5.000 m<sup>2</sup>.

Nesta redacção se informa.

## VENDE-SE

Prédio, vende-se, com chave na mão c/ 1.º andar na Rua da Piedade n.º 46 — Loulé.

Aceitam-se propostas no n.º 48 da mesma Rua.

# CARTAS de Emigrantes...

Minha querida Maria...

Estou muito triste ao escrever-te esta carta porque, há pouco, passou-se aqui um caso que, a todos, deixou muita tristeza.

Foi o incêndio que devorou parte das habitações que tinhamos no nosso «bairro das latas de bidons» e que deixou muitos camaradas nossos sem roupas, sem as fracas mobílias que tinham e muitos até sem o dinheiro que tinham juntado.

Como já te tenho contado as mobílias que ali temos, são como as nossas ferramentas de trabalho. Apenas as precisamos para viver: uma cama e a mala. O resto é tudo do grupo. O fogão, o lavatório, a mesa da casa de jantar é tudo propriedade colectiva ou então do vizinho do lado que no-las cede por empréstimo eventual.

Não te quero dizer o nome de alguns que ficaram pior, para as famílias aí não ficarem tristes, mas digo-te que isto foi muito mais importante do que os jornais disseram. Houve menino, que ficou sem nada. E quando foram ao comissário queixar-se do dinheiro perdido, ele respondeu que não era em barracas que se arrecadava o dinheiro, mas sim nos bancos, como se nós tivéssemos vagar de ir pôr o dinheiro, quando nós, mal temos tempo para nos lavar e para dormir.

Maria, isto por aqui vai-se pondo pior de dia para dia. Todos os dias chegam novas levadas de claudesinos, daqueles que a gente diz que vêm com «passaporte de coelho» e são italianos, espanhóis e também dos nossos.

Como não conhecem nada por cá, oferecem-se por qualquer preço e alguns até só pelo comer. Quando topam com algum camarada como eu, não nos largam para os protegemos. Mas que podemos nós fazer? Damos-lhes alguns «sous» ou mesmo um franco ou dois e dizemos-lhes logo que vão tratar da vida que não perdemos tempo com eles nem podemos sustentá-los.

Uma vez por outra, levamo-los ao «casão» e lá lhes damos dormida por uma noite e um bocado de pão com chouriço para se remediarem com a fome.

E porque eles só nos vêm fazer mal porquanto se oferecem mais barato enquanto se não «engajam» e arrumam os papéis.

Digo-te que isto tem gente a mais e que muitas «entreprises» já licenciam pessoal.

Daqui a pouco já não dá a conta estar por aqui e por isso estamos pensando, alguns, em marchar mais cedo do que contávamos.

Recebe saudades do teu marido que se assina.

António

Ajude o Artesanato! comprando «obra de palma» Algarvia

## BODAS DE PRATA SACERDOTAIS

(Continuação da 1.ª página)

económicas e generosidade. Em dinheiro, em materiais necessários, em dias ou horas suplementares de trabalho — de qualquer destes modos se poderá concretizar a vossa oferta!

A ideia está lançada, está feito o apelo a todos os paroquianos. Com boa vontade e sacrifício nós poderemos colocar nas mãos do Rev.º Prior, no dia das suas Bodas de Prata Sacerdotais, os meios necessários à obra.

Com brio e generosidade, não deixéis passar mais tempo. Entrai, para o efeito e desde já, em contacto com o Cartório Paroquial — Comissão das obras da residência paroquial, Mãos à obra. Conta convosco, com o vosso trabalho e com a vossa generosidade.

Um grupo de paroquianos

N. R. — Ao publicar esta carta, «A Voz de Loulé» associa-se sinceramente à iniciativa do grupo de paroquianos do Rev.º Prior José Coelho Cabanita, cujo zelo pela paróquia e apuro da sua vida sacerdotal bem o fazem merecedor da estima, respeito e admiração de todos, mesmo daqueles por quem não tem responsabilidades de cura de almas.

Segundo pensamos, o contributo poder concretizar-se não só em ofertas em dinheiro, para custeio do edifício, mas também em géneros (telhas, areia, acarretos, e outros materiais e até em dias de trabalho).

A «Voz de Loulé» oferece-se para receber inscrições e para prestar todos os esclarecimentos que forem necessários a quem quiser concorrer para a obra alvitada.

# O 40.º ANIVERSÁRIO da REVOLUÇÃO NACIONAL

(Continuação da 1.ª página)

galões de oficiais, para colaborar activamente na salvação do País, prestes a afogar-se na desordem, na fálencia e na vergonha, com a honra, se não com a própria sobrevivência da Pátria.

Eu sei que, se para além do «Grande Rio» se conserva memória dos feitos deste mundo, eles estarão debruçados, quicá consolados e atentos, para aceitar convosco, senhores capitães e tenentes de 1926, esta manifestação de carinhoso agradecimento e participar nos actos de glorificação que o País inteiro, hoje efectiva nos sobreviventes dessa jornada decisiva para a reabilitação moral e para a reconstrução financeira, económica e social deste Portugal eterno e nobre e predestinado a dar novos mundos e a servir de exemplo ao Mundo.

Comovidamente, creio que os seis que a morte já levou estão aqui, a nosso lado. Vivamos a sua recordação, lembremos os seus nomes com os pontos com que nos deixaram:

General JOSÉ JOAQUIM DA ENCARNACÃO ALVES DE SOUSA;

Tenente-Coronel VITOR CARLOS BRAGA;

Major LUIS FILIPE DE ALBUQUERQUE REBELO

Tenente JOAQUIM VANEZ ROSADO;

Tenente JOÃO DE BARROS AMADO DA CUNHA;

Tenente VIRIATO RENDEIRO. Minhas Senhoras e meus Senhores:

As gerações que precederam a minha e aquelas que, comigo, pouco ultrapassaram a casa dos 50, lembram-se perfeitamente do que era a vida do País nos anos que precederam o movimento militar, cujo quadragésimo aniversário comemoramos.

A instabilidade governativa tornara-se cancro destruidor, a corroer a própria textura das instituições. Já se não elaboravam orçamentos gerais do Estado, pedra indispensável no mais comensal jogo administrativo. O Governo passara a recorrer ao sistema dos duodécimos, para poder processar as folhas de vencimentos para cuja solvência se recorria ao empréstimo a curto prazo.

A situação financeira e administrativa do País, com um défice de 400 000 contos em 1923/24 era tal, que, nesse ano, dos 167 000 contos cobráveis, o Tesouro apenas recolheu 85 000. Os escândalos amontoavam-se, os navios de guerra, pedaços sobe-ranos do País, eram arrestados em portos estrangeiros por o Governo não ter pago, mesmo com móra, as requisições de combustível. O Parlamento era uma arena sem ordem e sem dignidade. Os Governos não democráticos caíam, porque a maioria, baseada na estúpida lei do número era do partido democrático, e este, apesar de dispor comodamente dela, assediado pelas clientelas e compadrios e rodeado de incompetências, não só não podia governar como até era incapaz de manter a ordem nas ruas e de assegurar o sossego e a tranquilidade dos cidadãos. 1.º fundamento e 1.ª justificação da própria existência do poder.

A Legião Vermelha, segura de impunidade, atirava bombas, as-

saltava bancos, assassinava em plena rua industriais, comerciantes e operários ordeiros. As greves, os descarrilamentos eram o prato diário da perturbação e da desordem. O próprio Presidente do Ministério afirmava que o País estava a saque e, na verdade, este era economicamente uma ruína, financeiramente uma bancarrota, politicamente um caos e internacionalmente uma anedota.

Portugal era bem na imagem incisiva, como sempre fundibularia mas flagrantemente fotográfica, dada por Guerra Junqueiro: uma enxerga pôde coberta de percevejos.

Recordo isto, como uma páli-da imagem da vida portuguesa de há 42 anos, para que melhor compreendamos, os das actuais, gerações, o ambiente em que se gerou a Revolução de Maio.

Podia fazê-lo também para avivar a memória de muitos que me fazem lembrar o poder, que na sua mocidade andava a pé descalço, comia pão duro e dormia em enxergas, mas que, enriquecido, pelo seu esforço ou pela sorte, esqueceu o passado e classifica, altiva e revoltadamente, de pilheira, a pensão modesta mas limpa, só porque não tem quartos com banho privativo, colchão de molaflex ou ementas com palavrões em estrangeiro. O momento, porém, é alto de mais para avivar tristezas.

Sentia-se que só o Exército, não comprometido nas intrigas da política, e com a noção nítida dos deveres decorrentes do juramento de fidelidade, seria capaz de garantir condições de sossego e de cordura firme, que permitissem encerrar trabalho de verdadeiro governo e de indispensável resgate.

Este sentimento começara a criar raízes dentro do Exército e no País, com as revoltas de 18 de Abril e 19 de Julho de 1925. E, já que as intenções em que os civis predominavam se tinham apressado a reintegrar o poder aos políticos, a ideia de instaurar uma ditadura militar, isto é de depositar o poder nas mãos do Exército, sem que este o largasse antes de a casa estar em ordem, ganhou corpo, principalmente entre as camadas mais novas. Ela foi o denominador comum que uniu os portugueses, republicanos, monárquicos e o povo sem filiação partidária, ambientando uma sedição nacional.

Era contagiante o entusiasmo dos tenentes e dos antigos cadetes de Sidónio.

Foi assim que, destacados para uma recruta na parte do Regimento de Infantaria 33 aquartelada, em Lagos, apareceram aqui, em princípios de 1926, os tenentes Heitor Patrício, Alves de Sousa, Albuquerque Rebelo, Francisco José Dentinho e João de Sousa, conhecidos então no meio pelos «tenentes de força» e que se dispuseram a participar em qualquer movimento que traduzisse a aspiração geral de salvar o País da ruína.

Aqui, estabelecendo contactos com oficiais de outras unidades, foram aliando o então Capitão Tadeu, os Tenentes Viriato Rendeiro, José António Gonçalves, Nobre da Veiga, Vanez Rosado, Vieira da Silva, João Amado da Cunha. Coincidentes os anseios, e com o acordo do capitão Leonel Vieira, distinto e dedicado oficial, que assumiu o seu co-



## UMA MOBILIA

é a mais apreciada e preciosa

## PRENDA DE NOIVADO

Faça a sua escolha nos Estabelecimentos de Horácio Pinto Gago

mando, resolveram participar na revolução que se projectava para 28 de Maio do ano de 1926.

No dia 27 à tarde, estava requisitado, ao chefe da estação de Lagos, o comboio que, à noite, transportaria as tropas do regimento e, à 1 hora de 28, sem que a cidade desse por isso e enquanto os tenentes Manuel de Sousa Rosal e Alves de Sousa iam actuar junto da oficialidade de Infantaria 4, em Faro e Tavira, o 33 partia a caminho da sua aventura.

Perdidos depois os contactos e sem provisões asseguradas, esta Ala de Namorados do Sul, este primeiro núcleo de tropas que saiu dos quartéis para a memorável revolução, fez alto em Al-cácer e regressou a Tunes a aguardar ordens.

E foi aí que, a par de uma tentativa do comandante do regimento para que regressassem à unidade, os revoltosos receberam a primeira e espontânea manifestação de solidariedade popular.

Um grupo de nacionalistas desta cidade, chefiados pelo prestigioso médico Dr. António Guerreiro Tejo, sabedores do recuo até Tunes, havia recolhido, nesta cidade, pão, conservas e outros géneros com que nos camilhões do também lacobrigense sr. Parreira Cruz, foram com justificado alvoroço abastecer o seu regimento.

Já mais confiados e após terem recebido do comandante do 4.ª Região, General Oscar Carmo-na, que, afastado do comando tinha, entretanto, em Elvas, aderido ao movimento, ordem para avançar, o comboio partiu a caminho do Barreiro, levando já gente do 4 figurando, entre outros oficiais, os tenentes Mário Lopo do Carmo, Manuel Caetano de Sousa (que na Amadora discursou às tropas), Manuel Vilhena de Sampaio e José Domingos Carapeto e ainda o coronel Joaquim Mendes Cabeçadas, do 33 de Faro.

Sujeitando-se a eventual tiro-teio do Castelo de S. Jorge, na ignorância do lado em que estaria a respectiva guarnição, atravessaram o Tejo e vão formar no Terreiro do Paço, mesmo em frente do Ministério da Guerra onde, depois souberam, se encontrava o chefe revoltoso da Marinha, o também algarvio Comandante Mendes Cabeçadas.

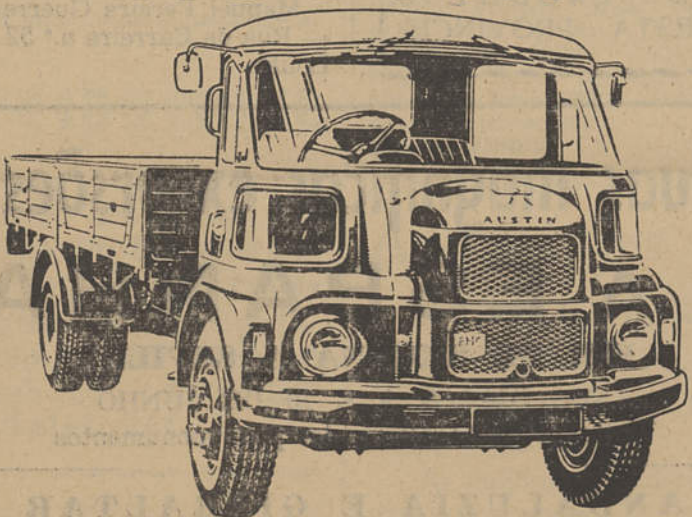
A presença das tropas do Algarve na capital foi tomada como garantia de que o Sul do País estava com a revolução e o seu desfile, pelas ruas de Lisboa, foi saudado com entusiasmo e confiança pela população lisboeta, que pelo facto ficou segura de que a Revolução estava efectivamente em marcha, uma vez que a guarnição local man-

(Continua na 5.ª página)

## O PROBLEMA

está na escolha certa do Camião para o seu serviço

## «AUSTIN»



APRESENTAMOS BREVEMENTE EM EXPOSIÇÃO O MODELO DA SÉRIE

P.B. de 3.500 Kg. c/ rodado duplo, a 9.600 Kg. e comprimentos de caixa de 3,56 m. a 5,16 m.

HORÁCIO DIONISIO DOS SANTOS

Peças genuínas AUSTIN - B. M. C.

Rua dos Bombeiros Portugueses, 13

Telefones: Escritório 2 43 30 Camions: AUSTIN  
Residência 2 28 57 VANDEN PLASS  
Apartado 122 Automóveis: RILEY  
AUSTIN

FARO

## TORNE O SEU LAR MAIS CONFORTÁVEL

Mobilando-o a seu gosto

AS MELHORES MOBÍLIAS — aos melhores preços  
MOBÍLIAS BOAS — a preços acessíveis

Tudo o que precisa para embelezar o seu lar, encontrará no variadíssimo «stock» dos SALÕES DE EXPOSIÇÃO da

Mobiladora Moderna

na Praça da República, 8

e nas suas FILIAIS na

Avenida Marçal Pacheco, 34 e 49-51 — LOULÉ — Telef. 210

APRECIE O NOSSO SORTIDO ● CONFRONTE OS N.º PREÇOS





# Gás Mobil chama e fama



**CLICK!**  
sai sempre à pressão!

Mobil Oil Portuguesa

## CAMPANHA DOS SANTOS POPULARES

A QUEM FIZER O SEU  
CONTRATO, DE 1 A  
30 DE JUNHO, OFERTA  
DE UMA GARRAFA  
DE GÁS MOBIL.

## Notícias de ALTE

Está em construção um lava-  
douro Público. No sítio do Ser-  
ro, desta freguesia. A Fonte vai  
ser coberta para que a água fi-  
que isenta de poeiras e outras  
inundícies.

Faleceu no dia 17 deste  
mês a sr.<sup>a</sup> D. Henriqueta das  
Dores Anastácio, de 83 anos de  
idade, natural desta povoação  
que deixou viúvo o sr. Francisco  
Guerreiro Anastácio e era mãe  
da sr.<sup>a</sup> D. Julieta Nunes Anas-  
tácio de Alte e do sr. Dr. José  
Francisco Nunes Guerreiro, re-  
sidente em Lisboa, (Praça do  
Azeite, n.º 10-2.º, Dt.º). O seu  
funeral foi muito concorrido e  
constituiu manifestação de pro-  
fundo pesar, pois a referida se-  
nhora era muito estimada e go-  
lava de gerais simpatias.

A família enlutada, apresenta-  
mos sinceras condolências.

Do Rancho Folclórico da  
Casa do Povo de Almeirim, que  
abrilhantou as Festas da Fonte  
Grande, no dia 1.º de Maio, nes-  
ta localidade, foram recebidas as  
seguintes notícias, respeitantes à  
sua visita a ALTE:

«Queremos, através desta car-  
ta, exprimir a nossa grande sa-  
tisfação por nos ter sido dada  
a feliz oportunidade de conhecer  
a vossa tão simpática e acolhe-  
dora terra e sobretudo a manei-  
ra tão afável e carinhosa como  
receberam todos os componen-  
tes deste Rancho, enchendo-os  
de amabilidades que muito nos  
sensibilizaram.

Podemos afirmar que Alte fi-  
cará bem guardada no coração  
de todos nós, como uma inesque-  
cível recordação.

Pena é que Rádio Ribatejo, es-  
tação Emissor de Santarém,  
não seja audível no Algarve.  
De qualquer modo é para nós  
uma maneira de revelar ao povo  
do Ribatejo as belezas da vossa  
terra e o encanto e tipismo das  
vossas danças, no programa ra-  
diofónico que elaborámos e dedi-  
cámos à vossa localidade e ao  
vosso Rancho Folclórico».

O Grupo Folclórico da Casa  
do Povo de Alte desloca-se no  
dia 5 de Junho, a Lisboa, para  
participar no V Festival do Fol-  
clore Nacional.

Por ocasião das Festas da  
Fonte Grande, realizadas nesta  
localidade no dia 1.º de Maio foi  
encontrado no próprio local da  
Fonte Grande um aparelho de  
rádio transistor, pequeno, de al-  
gibeira, que se entregará a quem  
provar pertencer-lhe, assim co-  
mo um chapéu de sol de se-  
nhora.

C.

## EDITAL

JOÃO ANTONIO DA SILVA  
GRAÇA MARTINS, Engenheiro  
Chefe da Quinta Circunscrição  
Industrial, faz saber que a  
firma ALVARO DA CRUZ FLO-  
RO & IRMAO, LD.<sup>a</sup> requereu li-  
cença para instalar uma oficina  
de fabrico mecânico de calçado,  
incluída na 3.ª classe, com os in-  
convenientes de ruído e trepida-  
ção, situada na 1.ª Transversal  
à Rua 28 de Maio, freguesia de  
S. Clemente, concelho de Loulé,  
distrito de Faro, confrontando  
a Norte e Nascente com Antó-  
nio Simão Viegas, Sul com Ma-  
nuel Carapeto Rosária e a Pon-  
te com Rua Projectada.

Nos termos do Regulamento  
das Indústrias Insalubres, Incó-  
modas Perigosas ou Tóxicas e  
dentro do prazo de 30 dias, a  
contar da publicação deste edi-  
tal, podem todas as pessoas in-  
teressadas apresentar reclama-  
ções por escrito, contra a con-  
cessão da licença requerida e  
examinar o respectivo processo  
nesta Circunscrição Industrial,  
com sede em Faro, na Rua do  
Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º (Edi-  
fício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 24 de Maio de 1966  
O Eng.º-Chefe da Circunscrição,

João António da Silva  
Graça Martins

## Ecoss de Salar

Estão praticamente termina-  
dos os trabalhos da reparação  
exterior e interior da Igreja Ma-  
triz, tendo também ali sido feita  
a instalação eléctrica, e coloca-  
do no templo um bonito lustre.

O curso de corte e borda-  
dos que durante cerca de 2 me-  
ses funcionou nesta localidade  
promovido pelo Agente das Má-  
quinas de costura «Oliva» sr.  
Manuel de Sousa Cavaco, termi-  
nou com uma valiosa exposição  
dos numerosos trabalhos exe-  
cutados pelas muitas senhoras  
que frequentaram o referido  
curso dirigido pela professora  
de bordados sr.<sup>a</sup> D. Maria Fer-  
nanda Martins.

Estiveram presentes, além do  
sr. Inspector da Oliva sr. Rui  
Teles Pedrosa que fez entrega  
de diplomas do curso, o Rev.  
Prior João Vicente Duarte da  
Costa, o sr. José Marcelino Es-  
tevão de Sousa, comandante do  
Posto da G. N. R. e muitos ou-  
tros convidados, a quem foi ofe-  
recido um lanche, assistindo to-  
das as componentes do curso e  
seus familiares.

C.

## DEFENDA A SAÚDE!

EXIJA DO SEU FORNECEDOR

ÁGUAS TERMAIS

# CALDAS DE MONCHIQUE

- Bacteriológicamente puras
- Digestivas
- Finíssimas

Garrafas  
0,25 / 0,80

Garrafas  
5 litros

Distribuidores EXCLUSIVOS no Algarve e Alentejo

Estabelecimentos **Teófilo Fontainhas Neto** - Comércio e Indústria

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Telef. 8 e 89 - S. BARTOLOMEU DE MESSINES - Algarve

Depósitos: FARO - Telef. 23669 - TAVIRA - Telef. 264

L A G O S - Telef. 287 - PORTIMÃO - Telef. 148

VL2AM6SCN



# SE VAI EMIGRAR...

...VOE PELA

# TAP

Para todas as informações  
dirija-se ao escritório da  
TAP mais próximo

Em FARO:  
Rua D. Francisco Gomes, 8

No PORTO:  
Praça D. Filipa de Lencastre, 3

Em LISBOA:  
na Praça Marquês de Pombal, 3-1/c. Esq.  
ou pelos telef. 591 01 e 421 10

A TAP organizou, para si,

UM SERVIÇO ESPECIAL DE ASSISTÊNCIA

**TAP** TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

## Mel centrifugado

Vendo 1 000 Kg. de cor  
clara, oriundo da região do  
rosmaninho da Serra do  
Caldeirão.

Manuel Pereira Guerreiro  
— Rua da Carreira n.º 52 —  
Loulé.

## CASA DO ALGARVE

VISITE  
A EXPOSIÇÃO  
DE PRODUTOS  
DESTA PROVÍNCIA

## Duas magnificas excursões

# A ESPANHA

FIM DE SEMANA A SEVILHA

NOS DIAS 8, 9 E 10 DE JUNHO

Visitando-se os seus principais monumentos

ANDALUZIA E GIBRALTAR

de 22 a 29 de Junho

VISITANDO:

SEVILHA, CÓRDOBA, GRANADA, MÁLAGA,  
ALGECIRAS, TORREMOLINOS E GIBRALTAR

RECEBEM-SE INSCRIÇÕES NA

AGÊNCIA PENINSULAR DE VIAGENS  
E TURISMO

DIRECÇÃO DE

M. ARCHANJO VIEGAS

Rua Conselheiro Bivar, 58 — telf. 22908 — FARO

Filial — Praça da República, 26 — telf. 375 — LOULÉ

## EDITAL

JOÃO ANTONIO DA SILVA  
GRAÇA MARTINS, Engenheiro  
Chefe da Quinta Circunscrição  
Industrial, faz saber que SE-  
BASTIAO VIEGAS requereu li-  
cença para instalar uma oficina  
de fabrico mecânico de calçado,  
incluída na 3.ª classe, com os in-  
convenientes de ruído e trepida-  
ção, situada na Rua Engenheiro  
Barata Correia, freguesia de S.  
Clemente, concelho de Loulé,  
distrito de Faro, confrontando  
a Norte e Sul com Joaquim Pau-  
lino dos Santos, Nascente com  
José Emídio Costa e a Poente  
com a Rua Engenheiro Barata  
Correia.

Nos termos do Regulamento  
das Indústrias Insalubres, Incó-  
modas Perigosas ou Tóxicas e  
dentro do prazo de 30 dias, a  
contar da publicação deste edi-  
tal, podem todas as pessoas in-  
teressadas apresentar reclama-  
ções por escrito, contra a con-  
cessão da licença requerida e

## SOLICITADOR

João M. G. Iria

Solicitador Provisionário

Largo D. Pedro I, n.º 15

TELEFONE:

Escritório e Residência 387

LOULÉ

examinar o respectivo processo  
nesta Circunscrição Industrial,  
com sede em Faro, na Rua do  
Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º (Edi-  
fício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 11 de Maio de 1966

O Engenheiro Chefe  
da Circunscrição,

João António da Silva  
Graça Martins

«A VOZ DE LOULÉ»

N.º 343 — 5-6-1966

## Comarca de Loulé

ANÚNCIO

para citação de credores desconhecidos

2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito des-  
ta comarca, secção da Se-  
cretaria adiante referida,  
correm éditos de vinte dias,  
contados da segunda e últi-  
ma publicação deste anún-  
cio, citando os credores des-  
conhecidos dos executados  
JOSÉ CORREIA NEVES e  
mulher MARIA NEVES,  
proprietários, moradores nos  
Lentisciais, freguesia de Pa-  
derne, concelho de Albufeira  
para no prazo de dez dias,  
posterior àquele dos éditos,  
deduzirem os seus direitos  
na execução movida por  
Joaquim José Figueiras, ca-  
sado, proprietário, morador  
nesta vila, desde que gozem  
de garantia real sobre os  
prédios penhorados.

Loulé, 25 de Abril de 1966

O escrivão de direito,  
da 2.ª Secção,

(a) Henrique Anatólio Samora  
de Melo Leote

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito, 1.º substituto,  
(a) Jacinto Duarte

Ajude o Artesanato!  
comprando

Cobres de Loulé

PASSAGENS  
AERÉAS

MARÍTIMAS

Tratamos de EMBARQUES RÁPIDOS  
Para a ÁFRICA ou qualquer parte  
do Mundo.



**TURALGARVE**  
AGÊNCIA DE TURISMO ALGARVE



98 — PRAÇA DA REPÚBLICA, 100  
TELEFONE 193 — LOULÉ

Agentes I. A. T. A. e de todas as Companhias Aéreas  
e Marítimas e da C. P.



# Um velho problema QUE RENASCE!

(Continuação da 1.ª página)

guesa, essa reestruturação tem de prever além deste, outros problemas de modernização de vias, que importam, fatalmente, a alteração de traçados e percursos.

Assim sendo, não seria esta a melhor oportunidade de levantar o velho e tão debatido problema do desvio da linha entre as estações de Boliqueime e Alcanil, beneficiando assim a sede do maior e mais populoso concelho do Algarve e de um dos maiores e mais populosos de Portugal?

Sabendo-se que a área total do concelho de Loulé é de 775,48 km<sup>2</sup> e que a mesma se estende por 46 km de norte a sul e de 29 kms de leste a oeste, a rede actual de caminho de ferro serve apenas uma pequena parte dessa área, a das freguesias de Boliqueime S. Sebastião e Alcanil, limitado percurso de 18 quilómetros.

A parte do concelho que beneficia das passagens da rede ferroviária é, em relação à população do mesmo — 45.341 hab. pelo último Censo — de 8.682 pessoas, ficando 37.659 desprovidas desse factor de progresso e de não aproveitamento directo do transporte ferroviário.

Teremos, portanto, que admitir que o desvio do caminho de ferro, com a passagem pela Vila beneficiária pelo menos uma população de 20.000 habitantes, sem falar nos benefícios que o melhoramento iria propiciar às populações de Salir, Querença, S. Brás de Alportel e Ameixial encurtada a distância a que hoje se encontram da actual estação de Caminho de Ferro.

E que manancial representaria para o Caminho de Ferro, se as 2.000 toneladas de cortiça, as 5.000 toneladas de alfarrôba e as 1.200 toneladas de amêndoa e as 1.500 toneladas de figo que o Concelho produz, pudessem ser transferidas pela rede ferroviária para os pontos de embarque ou centros de transformação.

É certo que dispomos hoje de transportes rodoviários de carga que asseguram total e comodamente, o escoamento das mercadorias produzidas e o afluxo, em retorno, das de consumo.

Algumas das grandes empresas que hoje existem ou existiam, tiveram o seu início em Loulé e em Loulé prosperam e vivem.

Certo é, igualmente, que o transporte de passageiros entre as diferentes localidades e freguesias do Concelho está assegurado pelo transporte rodoviário, com horários que satisfazem, relativamente, as necessidades e carências desses povos. Mas não esqueçamos que foi Loulé, com o seu movimento que deu alma e vida às primeiras empresas e que talvez seja hoje, a sede do Concelho algarvio onde se regista o mais elevado número de carreiras.

De encerrar será, que, com a inauguração da Ponte Salazar, esse movimento de transporte automóvel se intensifique, de tal forma, que supra perfeitamente as necessidades turísticas.

Mas que o transporte ferroviário facilitará, remodeladas as linhas, os percursos, os horários, e, melhorado convenientemente o velho material em uso, um grande movimento de intercâmbio turístico, reconhecido como é a sua excelência e primazia para o transporte em longo percurso, não restam dúvidas. O Algarve tem hoje assegurada a sua ligação aérea a todo o continente, e porque não dizê-lo a todos os grandes centros na-

## Trespasa-se

Com todo o seu recheio, trespasa-se a Pensão-Restaurante «Retiro dos Arcos» Informa o proprietário, na Av. Marçal Pacheco LOULÉ — Telef. 211.

## MATERIAIS para construção civil

CONSULTE: Empresa Comercial de Óleos e Bagaços, Limitada

TELEF. 105 LOULÉ Serviços c/ Dumpers e Martelos Perfuradores e Demolidores

# A MÚSICA NOVA comemorou o seu 90.º aniversário

(Continuação da 1.ª página)

seu) já incluiu 5 raparigas entre os seus componentes a fim de evitar a sua extinção. Segundo relata o mesmo jornal fizeram um autêntico sucesso na festa popular de Fornos de Cinfães.

Claro que isto não é caso inédito, pois também a Música Nova se pôde gabar de já se ter apresentado em público com uma jovem executante, mas é um sintoma do desprendimento dos jovens pela sublime arte de Mozart.

No entanto, apesar de tantas dificuldades, em Loulé continuam a fazer-se esforços por manter activas as suas 2 bandas.

Por isso são dignas de carinho todas as iniciativas tendentes a evitar a sua extinção e merecedoras de louvor todos quantos continuam a dar o melhor do seu esforço para o prestígio musical de Loulé.

Aos que, ao longo dos 90 anos da prestigiosa colectividade, lhe dedicaram acrisolado amor, foi também prestada homenagem na sessão solene realizada no dia 21. Nela usou da palavra o dedicado amigo da Música Nova sr. Dr. Maurício Monteiro, que disse o seguinte:

Segundo as investigações feitas pelo dedicado louletano e musicólogo na sua História da Música Popular em Portugal e baseado em informações prestadas pelo louletano, Luiz de Freitas Barros, capitão chefe da banda, e que fora seu músico fundador, a Música Nova, ou Filarmónica Artistas de Minerva devia ter saído à rua, pela primeira vez no dia 21 de Maio de 1876, faz hoje 90 anos! Foi seu fundador o Dr. António Galvão, seguindo-se como regentes Alagarinho, Castro, Gregório, Grilo, Castro, pela 2.ª vez, Dr. António Frutuoso da Silva, Joaquim António Pires, Pais, Liberato e Veiga, até Fevereiro de 1942. Devido à política com a sua secção corrosiva a filarmónica decaiu bastante com a saída do regente Castro. E então que um fervoroso louletano, com alma de artista, estudante de 22 anos, que com a sua paixão pelo teatro e pela música, comprometeu a sua fortuna, o Dr. Frutuoso da Silva a quem neste momento presto as minhas homenagens, se propôs erguê-la, dirigindo-a, ai pelos de 1899 a 1901.

Neste último ano o Dr. Frutuoso da Silva pede ao Dr. Sinões Barbas que fora regente da Tuna Académica de Coimbra para lhe indicar um regente digno. E então que vem contratado para a Filarmónica Artistas de Minerva um autêntico artista de sequente da Banda de

Caçadores n.º 4 aquartelada em Elvas, Joaquim António Pires, ou melhor o nosso inolvidável Mestre Pires. Com a sua presença surgiu em Loulé uma nova aurora musical. Mestre Pires ergueu a Música Nova a um elevado plano de valorização musical, não só na provincia, mas fora dela, transpondo as fronteiras, indo com frequência ao sul da Espanha, durante muitos anos a várias festividades. Mas Mestre Pires não limitou a sua acção à filarmónica: Creou tunas, organizou orquestras, cantos corais, estabeleceu cursos de ensino, difundindo e radicando na alma do povo louletano o sentido, a compreensão e o amor pela Música, ensinando à mocidade a técnica musical, incutindo na sensibilidade dos novos a curiosidade, o interesse e o carinho pela harmonia dos sons. Tratel de perto, durante alguns anos, com o Mestre Pires, encontrando sempre nele uma nítida expressão de franqueza e bondade e o sorriso acolhedor de um homem compreensivo e bom. Penso que o desastre sofrido pela Banda em Espanha, que bastante feriu vários filarmónicos, deveria ter actuado fortemente no seu espírito e no seu coração, agravando a sua doença e apressando a sua morte. Recordo a grande manifestação popular do seu funeral com a coorte dos seus discípulos e dos seus músicos muitos deles ainda feridos, amparando-se a muletas e bengalinas!

Penso e julgo que, um homem que tanto contribuiu em Loulé para a cultura musical, tem o direito de possuir uma rua com o seu nome para atestar à posteridade os altos serviços que aqui prestou.

Os deveres camarários não se devem limitar a água, a luz, aos arranjos materiais, mas em tudo aquilo que se relacione com a educação, a formação moral e actual do povo. A música faz parte integrante da educação do indivíduo, traduz e projecta os nossos estados de alma, pelo arranjo harmonioso dos sons, pelo domínio aliciente dos nossos sentidos, pela evasão ou escape das nossas preocupações morais e espirituais.

A Direcção da Filarmónica Artistas de Minerva, honrava-se submetendo à Câmara Municipal este justo pedido. Ao seu actual regente sr. Viegas, apresento as minhas homenagens com os melhores votos de prosperidades.

O sr. Maurício Monteiro dissertou ainda sobre a história da música, recordando como ela foi definida pelos grandes filósofos da antiguidade, os quais estiveram de acordo em que a música teria aparecido nos mais recuados tempos da existência do homem.

O orador reportou-se ainda aos tempos dos nossos primeiros reis para historiar o merecimento dos músicos cuja celebridade chegou aos nossos dias, terminando com as seguintes palavras:

Infelizmente, com incremento verdadeiramente absorvente que o futebol tem tomado no nosso país e com a difusão da música gravada, as filarmónicas têm a pouco e pouco, desaparecido do nosso convívio e recreio espiritual, dificultando e minimizando a alegria e o esplendor que outrora irradiava de muitas das nossas festas e romarias, tanto sagradas como populares e que figuravam no calendário dos seus melhores dias, numa grande parte das nossas vilas e cidades e aldeias.

Para bem da higiene mental, de um estimulante a uma alegria espontânea e sábia e do equilíbrio moral e social das massas populares, excessivamente absorvidas hoje pelas manifestações da força, da resistência e das habilidades físicas e do encerramento dos azes futebolísticos, impõe-se restabelecer os acordos dessas simpáticas orquestras, tunas e filarmónicas que constituem a distração, — o enlevo, e uma das melhores fontes geradoras da alegria do nosso Povo!

Maurício Monteiro

Para Retratos do seu Casamento

Estúdios Fotográficos

Loução

Oculista

FARO OLHÃO

PRÓXIMO PALÁCIO DA JUSTIÇA AV. DA REPÚBLICA, 10

UMA BOA FOTO DE CASAMENTO! A ILUSTRAÇÃO MAIS BELA DA SUA VIDA!

# O 40.º ANIVERSÁRIO da REVOLUÇÃO NACIONAL

(Continuação da 3.ª página)

tinha ainda o silêncio da hesitação.

E é ainda, creio, o Tenente Rosal, revoltoso do Algarve, quem vai ao Ministério ajudar aquele oficial da Armada a libertar-se do assédio que os políticos estavam a fazer-lhe, para empalmar a revolução, explorando a sua inexcedível boa fé e o seu conhecido amor à República, com o espantoso do perigo monárquico.

Dois dias depois juntavam-se-lhe em Lisboa a escola de recrutados do Inf. 4, aquartelado em Tavira.

E toda esta acção dos oficiais do 33 de Lagos que hoje aqui se pretendeu trazer à lembrança e que, pela decisão que revelou, pela sua inserção na hora prima na ordem cronológica das actividades revolucionárias, os algarvios, em comunhão com as celebrações nacionais a decorrer em Braga, não quiseram que deixasse de ser comemorada aqui mesmo, aqui em Lagos, e no próprio dia do seu quadragésimo aniversário.

Mas, mais de uma vez se tem dito e no seio da própria Assembleia Nacional foi abertamente afirmado, até pela voz do Venerando Chefe de Estado, que este quadragésimo ano não deverá ser apenas de consagração, mas igualmente de revisão.

E se sob a chefia admirável, impar e indiscutida de Salazar, tem sido possível encontrarem-se mais diferenças ideológicas entre os membros do Governo de que algumas vezes entre representantes de partidos diferentes, há que pensar naquela possibilidade a que o próprio Presidente do Conselho, velada mas prudentemente, aludiu quando afirmou ter-se entrado numa quadra crucial da vida portuguesa, em que se não poderá fugir a opções delicadas.

A Sua Excelência, sob cujo comando surgiu o 1.º conteúdo verdadeiramente positivo da Revolução — o que se queria e para onde se ia — as nossas efusivas saudações de respeito e de apreço.

E se esses erros, essas insuficiências são, como penso, filhos de os actos contradizerem os princípios, de os chamados a servir o ideal não terem ideal algum, quando o não têm contrário àquele que são encarregados de executar, ou de se não ter a coragem de levar o travejamento ou ideias mestras do regime até às suas lógicas e últimas consequências, há que meditar e que optar, optar e com decisão, com coragem, sem fraquezas e sem preconceitos idiotas que no fim se pagam caros.

E que a administração que não é impulsionada por sentimentos de fé e pelo jogo de uma doutrina política, não se projecta com espírito de missão e a maior parte das vezes as suas realizações são incompetentes quando não passam de, meteóricamente, efémeras, afirmações sem consequência.

Como esperar que influem ideal que não têm e comunicam fé que não possuem, aqueles a quem, por esse País fora, tantas vezes tem sido entregues a cargos de responsabilidade de política e de formação juvenil? Não

## CONCURSO para guardas provisórios DA P. S. P.

Está aberto concurso extraordinário para guardas provisórios da P. S. P.

Toda a documentação deve ser enviada ao respectivo Comando-Geral, em Lisboa, ou entregue nas secretarias dos Comandos, das Unidades Militares ou das Câmaras Municipais, até ao dia 20 do corrente. Toda a documentação entregue posteriormente ficará aguardando a realização do concurso seguinte.

As provas do concurso efectuar-se-ão nas sedes dos distritos onde os candidatos tenham o seu domicílio habitual e todos os esclarecimentos e informações podem ser pedidos nos Comandos Distritais ou ainda nas sedes dos concelhos onde existam Secções, Esquadras ou Postos Policiais.

## CASA

Aluga-se um 1.º andar com 8 divisões, casa de banho, terraço e varanda.

Quem pretender dirija-se a José Centeio de Sousa Martins — LOULÉ.

basta, como tanto se diz, que sejam bons rapazes e não sejam contra «isto».

Neste ano de comemoração e de meditação, resultará que havemos de prosseguir sem transigências. Importa ter presente que em épocas difíceis, mais do que nunca é indispensável um Comando — ou o de um homem que chefe ou de um ideal que galvanize e que na política, luta constante de combate de ideias, quem não estiver convenientemente municiado está de antemão vencido.

Na tragédia que aflige esta geração, tem responsabilidade primordial o apolitismo que se tem julgado o melhor meio de afastar dissídios e que apenas conduz, quando muito, a saber o que se não quer.

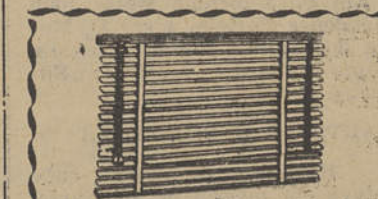
E que a firmeza de convicções políticas não é medida pelo que se não quer, mas pelo que consiente e inteligentemente se pretende (!). Há que meditar, há que rever, há que reformar e, se necessário, que reedificar.

E agora, que as protérias dos amigos, a ambição e o ódio dos inimigos, nos obrigam a uma guerra em 3 frentes, é indispensável manter conscientes, firmes e impenetráveis as barreiras da rectaguarda.

Assim, se corresponderá à fé, à decisão e à confiança com que os oficiais de 1926 arrancaram para a Revolução, assim se corresponderá à fé à decisão, à confiança e ao sacrifício da mocidade que se bate no Ultramar Português; assim estaremos reconhecidos aos primeiros e consagraremos os últimos.

Assim eles continuaram a proclamar, como no versículo da Bíblia Luziada — apontando-nos Portugal uno, livre e eterno — «Esta é a ditosa Pátria minha amada» e o Mundo poderá exclamar, com verdade, serenamente e com respeito: «Ditosa Pátria que tais filhos tem».

(1) — V. Prof. Jacinto Ferreira — «Para um verdadeiro Governo do Povo», fls. 9.

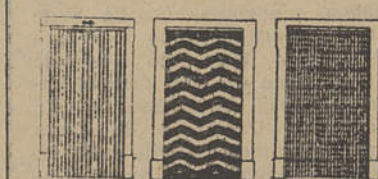


## ESTORES SOL

Moscas e Mosquitos PARA MONTRAS, MARQUISES, PORTAS E JANELAS Medidas e Colocações

Orçamentos grátis e Reparações Execução rápida e perfeita Descontos aos Ex.ºs Srs. Revendedores e Construtores

REDES MOSQUITEIRAS em gradeamentos próprios PARA PANEIS



E mais cinco modelos de ESTORES MOSQUITEIROS Consulte a FÁBRICA DE ESTORES MOSQUI-SOL VILARINHOS S. BRAS DE ALPORTEL Telef. 42313

Facilidades de pagamento

CASA Vende-se uma casa térrea, com chave na mão, na Rua da Piedade, 48 — LOULÉ. Prestam-se esclarecimentos no próprio local.

## Participações de nascimento

em modernos e interessantes modelos, executam-se na

## Gráfica Louletana

LOULÉ ECONOMIA RAPIDEZ PERFEIÇÃO BOM GOSTO



## Notícias pessoais

### ANIVERSÁRIOS

#### Fazem anos em Junho:

Em 9, a menina Maria Ivone Leal Costa e o sr. Dr. Helder Manuel Pinheiro Ramos e Barros e o sr. José Manuel Viegas Vicente de Brito.

Em 10, os srs. José Guerreiro Santos, residente em Alfentes, Boliqueime, Vitor Manuel Baptista Relvas, residente na Venezuela e a sr. D. Margarida Antão Lopes.

Em 11, a sr. D. Alice de Sousa Mendonça Calado e o sr. Amadeu dos Santos Batel, residente em Lisboa.

Em 12, os meninos Aurélio João Chumbinho Guerreiro, e srs. Alexandre Bento Freitas Carrião, residente em Lisboa, e António Baptista Correia.

Em 13, as sr. D. Leopoldina Barros Farrajota Cristina e D. Lidia Marum Costa Madeira, residente no Canadá.

Em 14, a menina Maria Teresa Vitorino Pereira, residente em Lisboa, e os srs. Norberto Gonçalves Luís, e Sebastião Sousa Luís.

Em 15, a menina Maria Helena Caleiras Guerreiro.

Em 16, os srs. José de Sousa Nunes, residente na Venezuela e João José Silvestre Cabrita, residente na Austrália.

Em 18, o sr. Jorge Marinha Gema, e a menina Maria Manuela Inácio Nobre, residente em Lisboa.

Em 20, as meninas Idália Maria Fogaça da Costa, residente em Faro e Helena Maria Portela Madeira, residente em Montijo, o menino Joaquim Manuel Júdice Pontes e a sr. D. Joana Dias da Mata Pereira Oliveira, residente em Azambuja.

Em 21, as sr. D. Maria Murta Oliveira e Sousa, D. Maria Alexandrina Murta Oliveira Chumbinho e D. Julieta da Conceição Domingues e o sr. João Nuno Rocheta Guerreiro Rua.

Em 22, as sr. D. Esmeralda Vairinhos Dias, e o sr. José Vieira Martins, residente em Quarteira e o menino José dos Santos Bota Centeno Passos.

Em 23, o sr. Joaquim Corpes Rocheta, e a sr. D. Joana Passos B. Correia, e a menina Damázia de Sousa Vairinhos Dias.

Em 24, a menina Maria João Mendonça Portela, a sr. D. Maria dos Santos Russos e os srs. Lopes Bernardino e Joaquim Silvestre Guerreiro.

### PARTIDAS E CHEGADAS

— Regressou de Luanda, onde esteve em missão de soberania, o nosso prezado conterrâneo e dedicado assinante sr. Alferes Miliciano Orlando de Lima Faisca, que fixou residência em Lisboa.

— Acompanhado de sua esposa sr. D. Maria Correia Canhão, encontra-se entre nós em gozo de férias o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. António dos Santos Brito, residente em França.

— Foi colocado em Aljezur, como Secretário de Finanças, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Correia Varela, que exercea idênticas funções em Lagens (Açores).

### BAPTIZADOS

— Na Basílica da Estrela, em Lisboa, realizou-se no dia 8 de Maio, a cerimónia do baptismo do menino Fernando José de Lima Faisca Campos Calhau, filho da nossa conterrânea sr. D. Maria da Conceição de Lima Faisca Campos Calhau e do sr. Fernando Humberto Campos Calhau, residentes em Lisboa.

Foram padrinhos seus tios sr. D. Ana Maria de Brito Camacho Brando de Lima Faisca e o sr. Alferes José António de Lima Faisca. Finda a cerimónia foi servido em casa dos pais do pequenino Fernando José um finíssimo e abundante «copo de água» aos numerosos convidados.

— No dia 10 do mesmo mês, na Igreja de S. João de Brito, em Lisboa, procedeu-se à cerimónia do baptismo do menino José Manuel Brando de Lima Faisca, filho da sr. D. Ana Maria de Brito Camacho Brando de Lima Faisca e do nosso conterrâneo e dedicado assinante sr. Alferes Orlando de Lima Faisca, residentes em Lisboa.

Foram padrinhos seus avós paternos sr. D. Maria Alice Dias Aguiar de Lima Faisca e o sr. José Vicente Teixeira Faisca, nossos estimados assinantes nesta vila.

## Conclusão da fachada da Igreja de S. Francisco EM FARO

A Venerável Ordem Terceira de S. Francisco dirigiu um requerimento à Câmara Municipal de Faro solicitando autorização para a conclusão da fachada principal da Igreja de S. Francisco no largo do mesmo nome na capital algarvia.

### CASAMENTOS

Na Igreja da Matriz em Loulé, realizou-se há dias o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr. D. Maria do Carmo Fernandes, hábil professora de corte da Agência «Triumph», nesta vila, com o nosso conterrâneo o sr. João C. Pinguinha de Sousa, industrial na Venezuela. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, o sr. Manuel Catarina Cavaco e a sr. D. Maria de A. Martinho Cavaco e por parte do noivo o sr. Maximiano Pinguinha de Sousa.

Após a cerimónia religiosa, foi servido um finíssimo «copo de água» em casa dos pais da noiva.

— Na Igreja de Clochetes, em França, realizou-se no passado dia 14 de Maio, o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr. D. Ricardina Ramos, filha do sr. José Pedro Ramos (falecido) e da sr. D. Maria Isabel Botelho, com o nosso conterrâneo sr. Afonso Cabrita Rodrigues, filho do sr. Modesto Afonso Rodrigues e da sr. D. Isabel Martins Rodrigues.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, sua irmã sr. D. Lisete Maria Cabrita das Neves e seu marido sr. José Francisco Sousa das Neves e por parte da noiva os srs. Adelino Francisco da Silva e Virgílio da Costa Mariano.

Após a cerimónia religiosa foi servido um finíssimo «copo de água» em casa dos pais do noivo.

Aos novos casais endereçamos os nossos parabéns e votos de feliz vida conjugal.

### ALEGRIAS DE FAMÍLIA

No dia 27 de Maio teve o seu bom sucesso, num quarto particular do Hospital de Faro, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a nossa conterrânea, sr. D. Maria Helena de Brito Apolo Luta, esposa do sr. Constante Anselmo Luta, residentes em Aljustrel.

São avós maternos o sr. José da Silva Apolo Júnior e a sr. D. Beatriz Marum de Brito Apolo e paternos o sr. Feliciano Luta e a sr. D. Ana Maria Anselmo Luta.

O recém-nascido foi baptizado na Sé de Faro no dia 1 de Junho e recebeu o nome de Paulo Jorge. Foram padrinhos o menino Joaquim Leal Brito da Mana e a menina Margarida Leal Brito da Mana.

Os nossos parabéns aos felizes pais e avós e votos de futuro risonho para o seu descendente.

### FALECIMENTOS

— Contando 62 anos de idade, faleceu há pouco no hospital de Olhão, o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Ventura dos Santos Gomes.

O saudoso extinto era natural de Albufeira e deixava viúva a sr. D. Glória da Conceição Leal Gomes, e era pai do nosso estimado amigo e dedicado assinante, sr. Dr. Ventura José Rocheta Gomes, Conservador do Registo Predial em Olhão e do sr. Humberto José Viegas Gomes, actualmente a cumprir serviço militar em Damba, norte de Angola.

— Faleceu há dias em Faro, o nosso conterrâneo, sr. Capitão Filipe do Nascimento Barros, que contava 76 anos de idade.

Desempenhou diversos cargos públicos, tendo sido: comandante da Companhia da Guarda Fiscal em Faro; do Batalhão n.º 27 da Legião Portuguesa; inspetor da Junta de Emigração; administrador do concelho de Loulé; presidente da Câmara Municipal de Nova Lisboa e Delegado em Faro, da Intendência Geral dos Abastecimentos.

Deixava viúva a sr. D. Maria Vitória Abolm de Barros e era pai da sr. D. Maria Inês Abolm de Barros Lopes e dos srs. arquitecto José Maria Abolm de Barros, consultor técnico da Câmara de Tavira, e engenheiro Joaquim Bernardo Abolm de Barros.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

## As nossas estradas

Em face do crescente aumento de tráfego automóvel verificado nos últimos tempos, viu a Direcção de Estradas do Distrito de Faro a necessidade imperiosa de proceder «A MELHORIA DO TRAÇADO DA E. N. 125, ENTRE PATÁ E A RIBEIRA DE QUARTEIRA» pelo que, valdar-se início em breve ao começo dos trabalhos cujo montante anda por 1 000 000\$00.

Julga-se pois, dar satisfação às exigências turísticas do momento oferecendo melhores condições de segurança e comodidade.

## ISTO, ACONTECEU...

O acontecimento foi-nos relatado por um colega e, portanto, a ele dispnamos a melhor aceitação quanto à sua autenticidade:

Um indivíduo, de nacionalidade francesa, assim que pisou território português, apressou-se a telefonar para Quarteira, a fim de indagar das possibilidades terapêuticas das suas águas minerais, para a «esclerose em placas». Esse terrível mal, era o diagnóstico com que vinha rotulado de França, a sua esposa. Foi-lhe dito, prontamente, que não. Respondeu-se a verdade. Trata-se, na realidade, duma doença para a qual a Medicina não dispõe de remédio eficaz.

Este facto tão simples e, infelizmente, vulgar, obriga-nos a meditar e faz-nos pensar nesses deslizados da medicina que procuram por todo o preço e a todo o custo o remédio salvador. Qual a melhor atitude frente a casos desta natureza? Francamente difícil.

A verdade nua e crua ou a mentira «doseada», e piedosa perante o doente, não escondendo aos familiares a dureza do que se pensa? Pelo menos, na grande maioria dos casos, afugura-se-nos mais razoável o segundo caminho, mais humano. Não esconder ao doente uma certa generosidade, mas não lhe tirar a esperança, eis o melhor caminho a seguir, quanto a nós, ainda que complexo.

Quase todo o indivíduo, com excepção de certos iluminados pela grande Fé, que sente que a vida lhe é limitada pela doença, responde com o desespero e isso não será mais, chamemos-lhe assim, que a morte psíquica. Nesta altura estamos, apenas nesta altura, com Schopenhauer: a vida será a ante-câmara de morte. Por força de profissão, algumas vezes debruçados sobre aqueles que sucumbem conscientemente, raríssimos foram os que a aceitaram resignadamente.

E. Ferreira da Encarnação

## PARA UM LOULETANO MAIOR

A sr. D. Maria Teresa Marcelino Mendes é natural de Salir e reside em Angola há alguns anos. Através da leitura de «A Voz de Loulé» soube que perigava a existência do «Louletano» e dirigiu um apelo no nosso jornal para que fosse feito um esforço no sentido de evitar a sua extinção. Circunstâncias várias conjuraram-se para que o nosso clube desportivo tomasse novo alento e, regosijando-se com isso, a sr. D. Maria Teresa passou da palavra à acção e fez uma subscrição entre as pessoas de suas relações de amizade. Escreveu ao «Louletano» a carta que a seguir gostosamente publicamos e pediu a sua inscrição como sócia. Enviou a sua foto-



grafia para o cartão de identidade e nós aproveitamo-la para melhor testemunhar-mos a nossa admiração pelo seu simpático gesto. Ele poderá ser um incentivo para que outros surjam onde quer que haja colónias de louletanos, mas é também um estímulo para que os dirigentes do «Louletano» se sintam amparados no prosseguimento das suas funções.

E, assim, irmanados no mesmo ideal desportivo é possível fazer mais e melhor para o prestígio da nossa terra.

Eis a carta da sr. D. Maria Teresa:

Capelo — Silva Porto, 5 de Abril de 1966

De novo venho falar do Louletano.

Já não é a primeira vez que o faço e desta vez com mais entusiasmo.

O querer é poder e se todos ajudarem o esforço será insignificante.

## ARTE e GRAÇA do Povo Português

(Continuação da 1.ª página)

Há já muitos anos que Fernando de Castro vem lutando por repor o nosso Artesanato na sua pureza original.

Basta recordar a organização que levou a efeito, de inúmeros mercados regionais a favor da sua obra social «Os Parques Infantis», e, mais tarde, a sua intensa actividade em prol da criação do Museu de Arte Popular.

Alguns dos nossos maiores artistas estão representados nesta Exposição. Basta mencionar os nomes de Rosa Ramalho, José Silos Franco, Damilão Borges, Quintino Neto, Franquelim Ribeiro e Deolinda Coelho, entre outros, que são uma garantia de toda a ingenuidade e pureza da nossa Arte Popular.

No dia 23, realizou-se no Restaurante «Al-Faghar» um «evening» dedicado às autoridades locais, à Imprensa, Rádio e T.V. Despertou muito interesse de público esta iniciativa de Fernando de Castro, duma tão grande oportunidade nos tempos que vão correndo, em que nada é demais, quando se trate de dignificar o nosso património artístico e espiritual.

Desta longínqua terra angolana, onde o meu coração vibra por tudo o que interesse ao progresso da minha terra, sinto a alegria de dirigir um apelo a todas as pessoas amigas e generosas para auxiliarem o nosso querido Louletano, único representante do desporto na nossa Vila.

Uma nova e dinâmica Direcção fez reerguer o nosso Clube, mas essa boa vontade não basta. É necessário o auxílio de todos os louletanos espalhados pelos cinco Continentes, como já fizeram os nossos irmãos que se encontram radicados em terras francesas.

Decerto que o Louletano, não tem sócios em todas as freguesias do concelho, mas existem em todas elas, pessoas amigas e generosas, capazes de fazerem um sacrifício, mesmo que estejam ausentes da terra natal.

Todos devem contribuir para uma obra comum, de acordo com as suas possibilidades e o seu inquebrantável querer.

Louletanos! Se conseguídes despertar aqueles que ainda estão adormecidos e possas angariar sócios, atletas, organizar contribuições, é certo que o Louletano Desportos Clube, há-de um dia em sua casa receber os seus filhos de braços abertos.

O Louletano precisa de todos... e todos seremos poucos. É certo que o carinho e o amparo não faltarão, portanto todos mãos à

(Continua na 5.ª página)

## O «Louletano» FESTEJOU o seu aniversário

Continuando a dar provas dum vitalidade que a pouco e pouco ia esmorecendo, o Louletano Desportos Clube promoveu um festival desportivo que incluiu um desafio de Basquetebol com uma equipa mista de Faro; um encontro de futebol com o Sporting Clube Olhanense e provas de ciclismo em pista.

No próximo número daremos mais pormenores destas provas desportivas.

No Cine Teatro Luleitano realizou-se na 3.ª-feira, dia 7 uma sessão de cinema cuja receita líquida se destinou ao Louletano e que promete ser largamente concorrida.

## «POVO ALGARVIO»

Publicou o nosso prezado Colega um número consagrado ao 40.º aniversário do 28 de Maio.

Pena foi que o redactor a quem pertenceu fazer a reportagem sobre LOULÉ, publicasse tais dislates em relação a esta localidade, que só a título de anedotas se poderiam admitir.

Não vale a pena responder a esse acervo de disparates, mas lamentamos que o nosso Colega tivesse admitido tais considerações que bem encardadas representam uma verdadeira afronta. Estaríamos sempre prontos a repeli-las se elas se dirigissem a um povo amigo como os louletanos consideram a cidade de Tavira.

## TERRENOS

Compra e vende, nas melhores condições.

José Pedro Algarvio — Telefone 45 — Loulé.

## TERMINOU o Torneio Popular de Futebol

Apesar das dificuldades que tem enfrentado, a Direcção do Louletano Desportos Clube continua firme e tenazmente lutando pela glorificação do desporto local.

A actividade das várias secções desportivas em que abertamente se lançou, pôs em evidência a mocidade louletana que prontamente excedeu todas as expectativas e continua de tal modo entusiasmada que pequenos «grupos desportivos» proliferam pela vila a ponto de já existir um com o nome de uma rua... tal a quantidade de jogadores de futebol aí residentes.

A organização do «Torneio Popular de Futebol» foi sem dúvida o ponto de partida para um movimento desportivo que há muito se impunha.

Foi pena que o entusiasmo originado por um contínuo aumento de receitas, traduzido naturalmente por um crescente interesse que o Torneio estava despertando, tivesse sido resfriado pela fixação (aparentemente injustificada) de uma lotação de 5.000 lugares para um recinto que nem sequer tem vestígios de bancadas.

Isto pode ter reflexos tão desanimadores em relação à próxima época que pode ser motivo suficientemente forte para acabar de vez com o futebol em Loulé.

Esperamos que o facto seja reconsiderado tomando em consideração o futuro desportivo da nossa terra, que assim ficará condenado a uma asfixia.

Pois apesar disso o entusiasmo dos organizadores do Torneio não esmoreceu e parece até que se sentiram com redobrada vontade de vencer as novas dificuldades criadas... para que assim o Louletano e o futebol continuem existindo em Loulé.

Assim, foi possível chegar-se ao final do «Torneio Popular de Futebol» com a certeza de que algo de proveitoso se fez em prol do desporto local.

A final teve lugar no dia 29 de Maio e saiu merecidamente vencedora a equipa do Grupo Desportivo «Os Unidos».

Torneio bem disputado, sempre cheio de interesse e entusiasmo, com boas e más jornadas de futebol praticado, com boas e más equipas, com bons e maus futebolistas, com bons e maus desportistas. Em suma: com tudo o que é habitual aparecer em Torneios de futebol.

«Os Unidos», «Onze Estrelas» e «Campinense», foram as equipas mais equilibradas e as que discutiram o título até à última jornada. Foram aquelas que melhor futebol praticaram e portanto o título de campeã assentaria bem em qualquer delas. Em provas deste género tem que haver um virtual campeão e esse foi o da equipa do Grupo Desportivo «Os Unidos», portanto os nossos parabéns aos bravos rapazes da equipa vencedora.

Os resultados das jornadas anteriores:

### Dia 15 de Maio

Unidos, 4 — Académicos, 0  
No primeiro tempo: 0-0.  
Marcou Nini de «penalty» e J. Santos 3.

Desportivo, 0 — Onze Estrelas, 1  
Resultado feito no 1.º tempo.  
Marcou Daniel.

### Dia 22 de Maio

Onze Estrelas, 2 — Académicos, 0  
No primeiro tempo: 0-0. Marcou Mário e Leonel na própria baliza.

## Automóveis

«Fiat 1.100», estado impecável e «Dauphine» em muito bom estado, ambos com motores rectificados.

Tratar na Escola de Condução Louletana — Telef. 302 — Loulé

## Declaração

Manuel Capinha Guerreiro, tendo fixado residência em França e desejando desligar-se de quaisquer interferências comerciais com a firma Viúva de Joaquim de Sousa Espanhol, vem declarar publicamente que, tendo prescindido de quaisquer direitos que possam ser-lhe atribuídos, também se considera desligado de todas e quaisquer obrigações a que aquela firma possa estar ou venha a obrigá-lo.

Paris, 5 de Maio de 1966

Campinense, 0 — Unidos, 2

Resultado feito no 1.º tempo.  
Marcou J. Santos e Eleziário.

### Dia 29 de Maio

Académicos, 1 — Campinense, 1

No primeiro tempo: 0-0. Marcou Carlos Alberto pelo Académico e Zázá pelo Campinense.

Desportivo, 0 — Unidos, 7

No primeiro tempo: 0-3. Marcou J. Santos 4, Maruta 2 e Abílio 1.

### CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Unidos	8	6	1	1	18	3
Estrelas	8	5	2	1	16	7
Campin.	8	3	3	2	18	9
Académ.	8	1	2	5	6	18
Desport.	8	0	2	6	5	23

J. Santos dos «Unidos», foi o melhor marcador do Torneio com 9 golos, sendo o guarda-redes J. Francisco da mesma equipa o melhor guardião do Torneio. Alinhou em todos os desafios e só consentiu 3 tentos nas balizas que tiveram à sua guarda.

Além de incutir na juventude louletana o gosto pelo futebol, desporto que de há anos andava arredado, este Torneio teve ainda o mérito de permitir a revelação de alguns valores que formarão a equipa que há-de representar o Louletano em desafios oficiais da próxima época.

De salientar a preciosa colaboração prestada pelo Agente da «Philips» em Loulé, sr. José Guerreiro Martins Ramos, cujo dinamismo e espírito empreendedor contribuiu largamente para o êxito alcançado por este Torneio.

Também não pode passar despercebida a colaboração prestada pelo sr. Presidente da Câmara de Loulé que mandou proceder ao arranjo dos balneários do Estádio da Campina e respectivo piso, de molde a tornar prática a sua utilização durante o Torneio de Futebol que ora terminou.

## Cerveja SKOL

(Continuação da 1.ª página)

palavras de apreço para com os jornais da província e fazendo a apresentação da nova cerveja Skol (nome inspirado no termo usado pelos povos nórdicos para os seus brindes). Mais adiante o Dr. Carlos Nogueira afirmou que:

A Skol International Limited é já a maior empresa existente no sector cervejeiro. Tem sede nas Bermudas, escritórios centrais em Londres e tem por sócios em Portugal — a Sociedade Central de Cervejas; pela Áustria — a Brauerei Schwechat A. G.; pela Inglaterra — a Allied Breweries, Ltd.; pela Suécia — a Prippe-Bryggerierna Aktiebolag; pela Bélgica — a Unibra, Société Anonyme de Droit Belge; pelo Canadá — a John Labatt, Ltd.

Presume-se a próxima entrada de mais um sócio: a Champigneulle/Meuse, pela França. O objectivo da SKOL International Limited é a produção e venda (sob licença, em todo o mundo), de uma cerveja de altíssima qualidade — a CERVEJA SKOL, de elevada densidade, do tipo produto de luxo, destinada à satisfação do consumidor de hábitos mais requintados e maior poder de compra, e do turista que assim por toda a parte encontrará uma cerveja de indubitável qualidade de produção sujeita à fiscalização de um grande laboratório internacional — a SCHWARZE SERVICES INTERNATIONAL, LTD.. A SKOL produz-se já nos seguintes Países:

Portugal, Nova Zelândia, Espanha, Suécia, Algéria, Inglaterra e Congo Ex-Belga.

Espera-se que até ao fim de 1966 se venha a produzir em: Holanda, Canadá, Áustria, Austrália, Colúmbia, Itália, Grécia, França e na província portuguesa de Angola.

Usou ainda da palavra, em nome da imprensa o sr. Artur Serrão e Silva, director de «O Algarve», que agradeceu as amáveis palavras do anfitrião.

## PROPRIEDADE

Vende-se no sítio de Vale de Ungel, (Barreiras Brancas) — Loulé, com terra de semear, alfarrobeiras, amendoeiras e outras árvores.

Tratar com Gertrudes Pinguinha, Rua S. João de Brito — Loulé.